

O Problema da Educação : : : : : : : : : : : : : : : : na crise actual portuguesa

[Á N. da R. do 1.º n.º, p. 12]

A culpa é minha: eu não fui bastante claro na questão da educação, para que o corpo directivo da SEARA NOVA concordasse inteiramente comigo ácerca «das necessidades da educação».

Apontados os elos de tracção máxima no problema português, e a orientação do reforçamento dêsses pontos perigosos do equilíbrio social, rematei o meu artigo do 1.º número da SEARA NOVA:

«A dominar completamente o problema português a questão da educação...». Queria eu resumir a sentença de Poincard, publicada no fundo da pag. 16 da SEARA NOVA. *Il devient évident que la réforme du type national par l'éducation est la chose qui s'impose avant tout*, etc., e que, antes de ter lido Poincard, tinha repetido várias vezes desde que garatujo para letra de fôrma. «*Sobresaem nitidamente a educação e a instrução como agentes primários* a quem observa as causas do progresso dos povos adeantados. Sem elas não é viável a formação na alma da Grei duma aspiração nacional, e a concomitante orientação dos partidos políticos para a sua realização; como não é exe-

quível a utilização em proveito da mesma Grei dos recursos do solo nacional. Sem elas continuaremos a exportar matérias primas que podíamos trabalhar; e a importar muitas outras e artigos manufacturados e máquinas que podíamos produzir: e (o peor de tudo) continuaremos a não ter sequer o mais fundamental para a vida — o pão... num país «essencialmente agrícola». («A GREI, do autor, p. 220, escrita em 1914). Antes, em 1913, em A CONSERVAÇÃO DA RIQUEZA NACIONAL, a p. 576, ao assentar as cousas fundamentais da governação: «Para realizar isto é necessário, além da honestidade política, um conjunto de medidas educativas e sociais, tendentes a valorizar os cidadãos e a preparar a defesa nacional». E na p. 575: «Evidentemente que para a república salvar a nação é necessário que se progrida e se construa mais *em educação* e em riqueza do que se retrocede, quer pelos factores depressivos, quer pelo aumento das necessidades insatisfeitas». Em Março de 1919, ao definir, na PELA GREI, *alguns pontos fundamentais em que terá de assentar uma constituição econó-*

mica de vantagem nacional: «IV — Valorização da Grei para a nobilitação de Portugal no convívio das nações: a) Educação de toda a gente portuguesa para o trabalho rendoso que leve, pelo menos, ao suficiente bem estar individual, à formação do carácter, e ao equilíbrio, máximo rendimento e máxima valorização internacional do trabalho da Grei». Em A ÁGUIA de Outubro a Dezembro de 1919, p. 170, em artigo intitulado *O Maior Problema*, no esboço da solução escrevi: «4.º E, em paralelo, **Reformar profundamente o nosso sistema educativo**, embora para isso seja preciso passar os mestres novamente a estudantes, e proibir a matrícula nas faculdades de letras & tretas».

Basta de citações: — a educação é (quanto a mim) o problema fundamental.

E os quatro bem arrazoados argumentos da *Nota da Redacção* foram por mim directa ou indirectamente repisados no longo clamor para o deserto em que venho desde que se me formou a razão política.

— «As nações valem o que valem as suas energias vitais; e estas energias medem-se pelo valor dos *leaders* e das *élites* que elas são capazes de fazer surgir do seu próprio seio».

«... Sem os *leaders* e as *élites* uma nação não passa de uma incapacidade, somatório de muitas incapacidades, massa de gente inerte, sem vontade nem desejo, incapaz de fazer uma democracia. (A CONS. DA RIQ. N., p. 576). «*Em conclusão*, urge: ...infundir, por uma educação prestável e continuada, previdência, persistência e economia à nossa raça açodada e sôfrega de alcançar num momento a riqueza pelo jôgo de azar. — Há por aí uma dúzia de homens para isto?» (A ÁGUIA, Out. a Dez. 1919).

«— A Grei fará surgir uma elite orientadora e governativa?»

«— A massa do povo gerará os homens do trabalho moderno que rapidamente infundam no país o desmembramento da falange dirigente dos letrados falidos?» (A GREI, p. 273).

«Governar bem fôra sempre descontentar. Governar bem hoje, em Portugal, tem de ser contrariar, contrafazer, *guerrear* a Grei. — Ai de nós se não temos um escol do pensamento, da acção e dos sentimentos para se compenetrar disso, e para obrigar a Nação a salvar-se: porque ela quer a sua perdição pelo alastramento do comunismo burocrático (civil e militar)». (O ECONOMISTA PORT., 24 Nov. 1920, p. 307).

Quanto a movimento de opinião sabe o corpo directivo da SEARA NOVA que eu ajudei António Sérgio na fala de chinês a todos os portugueses, na PELA GREI; e que esta revista era «para o ressurgimento nacional pela formação e interven-

ção de uma opinião pública consciente»; como também sabe da longa carta que escrevi a Jaime Cortesão, vai fazer dois anos, a propósito da minha atitude (rústico tocador de pífaro) para com o pretenso movimento ou acção política dos intelectuais portugueses; e o resto.

Basta. Não há, creio eu, nenhuma divergência nas *necessidades* da educação. Mas pode haver na *maneira prática* de realizar a educação (na sua acepção mais larga e científica).

Eu escrevi algures que há de ser a geração actual, dos homens do meu tempo, a que definitivamente há de salvar ou acabar de perder Portugal. Pelo que me toca, não tenho de entrar no acto de contrição dos intelectuais (a que não pertenço, porque não sou um profissional das letras), visto que, com prejuízo sério dos meus haveres e do meu descanso minguado, tenho *sempre* prégado (creio que boa doutrina) às turbas desatentas: e quando os intelectuais me bateram à porta, eu ofereci-lhes e dei-lhes todo o meu esforço sincero.

Eu entendo (e aqui surgirá talvez a divergência): 1.º que é necessário que o escol já esteja formado e integrado na orientação dum plano de salvação nacional, para que possa formar-se a opinião pública consciente, e esta venha *a tempo e suficiente* para a salvação; 2.º que a educação a que se refere Fichte — «Não pode haver uma regeneração nacional sem uma regeneração moral, não pode haver uma regeneração moral sem uma educação enérgica», só pode ser obtida *hoje* em Portugal por **uma reforma da actividade portuguesa**: isto é, a educação «será resolvida, afinal, pela solução dos problemas económicos e financeiros, quando tivermos transformado este comunismo burocrático e mavórtico num povo de iniciativa e de trabalho metódico, rendoso e humanitário», como rematava o meu 1.º artigo da *Seara Nova*. — Não. Para mim, que não sou economista (eu nunca li, nem tenho nenhum tratado, nenhum breviário de economia política; minto: ofereceu-me um amigo *L'Economie nouvelle* de Georges Valois, que nem sei se li todo), para mim a crise portuguesa entrou na fase agudíssima. Ela nunca foi e não é só uma questão de estômago e de riqueza; é fundamentalmente «uma tremenda crise de carácter, uma vergonhosa crise de competência, uma pavorosa crise de trabalho» — **uma liquidatária crise de tudo** — que só pode ser resolvida pondo a Grei a **trabalhar metodicamente**. [V. *Crise política*, em PELA GREI, n.º 6]. — E todos a pugnar pelo descanso e pelo latrocínio!...

Escrevia eu antes do fim do ano de 1918, a propósito dos **Remédios da crise económica**, antepondo como primeiro I — **A valorização da Grei**:

«Não é de modo nenhum o alívio, pela Paz que está a chegar, do pesadelo em que vivíamos, que nos pode salvar, se não cuidarmos já e depressa de debelar a crise económica. Todas as questões nacionais cifram-se, em última análise, num problema de economia, posto de há séculos já, sem nunca ter tido uma solução regular, e agravado especialmente nas duas últimas décadas, depois de 1900.

«Não pensemos, justamente porque este problema do trabalho depende da solução pedagógica, que podemos ir previamente adextrar as gerações moças, *pela escola para produzir rendosamente*, porque viria tarde em demasia essa solução: fali-riamos muitíssimo antes. Como tem sido dito nesta revista, a reforma económica e a reforma pedagógica devem começar simultaneamente e desde já, e para o mesmo fim nacional. A normalização da economia nacional tem de ser feita pela geração actual, tem de ser encaminhada num lústro e executada em dois pela geração que hoje trabalha e mantém a actividade portuguesa. E' necessário *improvisar* a legião dos reformadores da vida nacional: teremos de aplicar em outras normas de actividade os actuais recursos de gente que temos — a não ser que prefiramos a invasão pelo estrangeiro para proveito do estrangeiro»...

«Não reste, pois, dúvida a ninguém que temos de ser nós, a geração já feita, quem há-de salvar ou perder de todo a Grei.

«Uma nação é, em última análise, um viveiro de gente: cada nova criação é preparada pelas anteriores para a continuação do labor nacional.

«A nós nos prepararam a crise actual; nós mesmos, por uma pasmosa ignorância e imprevidência, a fomos agravando. Se não acordarmos, como o Lázaro, para a vida hodierna dos outros poyos, teremos o cativoiro, embora para isso não seja necessário mudar de bandeira.» (Pela Grei, E. C., p. 240).

Por isso, eu condensava a solução do problema fundamental da educação *na crise actual* (antes da última revolução de há três dias), no primeiro número da SEARA NOVA, a p. 12: «O problema da educação há-de ser resolvido ao mesmo tempo que se resolvem os outros»...

Absolutamente de acôrdo em que é necessário «começar pelo princípio, resolver a questão prévia sem a qual nenhuma outra tem solução segura e definitiva — *moldar em novas formas a mentalidade dos dirigidos e dos dirigentes*. É numa terapêutica do Espírito que reside a cura radical dos nossos males — dos próprios males económicos, srs. economistas; e por isso a política do Espírito tem de sobrelevar à política do Ventre — tão certo é que os problemas do Ventre não serão resolvi-

dos pelo Ventre, mas pelo Espírito», como escreveu na SEARA NOVA Raúl Proença na *Questão do Funcionalismo*.

Todos, de alto a baixo, clamam agora: «Há que fazer, há que fazer... há que fazer!...» depois de todos os economistas, com o sr. Anselmo de Andrade e o sr. Bento Carqueja de pontifical, e os cruzados de Nun'Álvares, terem palpado o pulso do Lázaro português e terem diagnosticado as mais complexas e mais graves doenças. Mas eu, que tenho teimado muitíssimo mais no conselho dos remédios do que no espanto dos males, eu que tenho ido observar, *viver* as questões portuguesas, desde A CONSERVAÇÃO DA RIQUEZA NACIONAL aos meus artigos no ECONOMISTA PORTUGUÊS e à REVALORIZAÇÃO AGRÍCOLA DA ILHA DE S. TOMÉ, pergunto ao silêncio da Grei, dos governantes e dos governados: — **Como e quem vai moldar em novas formas a mentalidade dos dirigidos e dos dirigentes?** — *Como?* — *E quem?*

António Sérgio, o espírito mais meu irmão e complementar que encontrei na vida, tinha razão quando afirmára na PELA GREI e nos ENSAIOS: «Mas para que a opinião pública fiscalize é necessário que ela exista: e a existência de uma opinião pública legítima e eficaz depende de um sistema de Educação, da criação de uma verdadeira elite. É este o fóco a que vão ter, finalmente, todos os vectores do pensamento político, todos os problemas da Democracia». (ENSAIOS, p. 290); como tinha razão quando afirmára na PELA GREI: «Cumpre educar homens, portanto, capazes de desenvolver a produção, e, para isso, de soltar o garrote do parasitismo em que agoniza a sociedade. **O problema moral português é um problema de economia; ... a sua solução pedagógica é uma escola do trabalho.** Substituamos a escola para «ilustrar» pela escola para produzir — ilustrando». (p. 219). [O sublinhado é meu]. ... «O ataque à organização parasitária tem de vir de agrupamentos profissionais, das elites das várias classes, devidamente coordenadas num sentido nacional, isto é, segundo a ideia cívica da profissão». (*Ibid.*, p. 221). Mas no estado *actual* da actividade portuguesa, é absolutamente indispensável provocar uma forte perturbação no arranjo social do solo, ao menos, sem o que não se pôde resolver nem a questão económica, nem o problema moral. «A ordem é uma resultante de necessidades satisfeitas; a verdadeira maneira de a conseguir é satisfazer tais necessidades. O que recomenda, sobretudo, a ordem, é ser ela necessária ao esforço pela justiça; e só tem o direito de a manter quem dá passos incontestáveis no sentido do maior bem». (*Ibid.*, p. 238). Ora nós trataremos sempre os germes da desordem perma-

nente, e cada vez mais selvagem, enquanto não resolvermos a questão agrária e agrícola — sem abandonar as outras questões.

Foi justamente pela duríssima necessidade de remodelar desde já, e profundamente, a actividade nacional, valorizando (e porque não, como tem feito a América do Norte) a grande massa dos adultos e uma boa percentagem dos parasitários, que no *Programa* da PELA GREI sugerimos várias providências para a reforma rápida e intensa dos métodos e processos de trabalho, e da educação.

Muito longe iríamos no assunto: e não vale a pena. Se nos derem tempo, vida e saúde, e se tivermos algumas horas livres do labor quotidiano, explicaremos melhor o que pensamos do problema da educação. Agora fique registado mais: que é absolutamente indispensável a existência de um ambiente novo nas nossas escolas — em todas; que não valerão de nada as reformas económicas, sem um espírito educativo humanitário, *permanentemente continuado em contacto com o resto do mundo*. Se não, olhem como foram abaixo todas as medidas de Pombal, após a morte de D. José (SEDAS EM PORTUGAL, José Accursio das Neves, p. 182), e algumas arremetidas úteis de João Franco.

A vida portuguesa está cheia de arrancadas que logo estacam e se esquecem. Para o êxito do esforço é necessário criar e manter grupos organizados, focos de cultura, e um aperfeiçoamento e alargamento do escol nos vários campos do labor nacional e da virtude (no valor científico do termo).

E estamos outra vez no começo. E remato como no 1.º n.º da SEARA NOVA, formulando *hoje*, mais uma vez, aos intelectuais do nosso país, a anciada pergunta que fiz a António Sérgio quando pela primeira vez falámos, em Évora, buscando-me êle para a revista PELA GREI — «A grande questão prévia de todo o problema português é saber se pôde

surgir de facto um escol da inteligência, do sentimento e da acção, pouco numeroso embora, mas capaz de apreender a responsabilidade da hora presente, e de definir o rumo da politica que nos salve; e ao mesmo tempo afoito a impôr a solução *suficiente* a quem governar: — Há possibilidade de surgir êsse escol?»

Se não há, exclamarei como o velho de Restelo pela boca de Camões: — Misera sorte! Estranha condição!

Domingo, 22 de Outubro de 1921.

EZEQUIEL DE CAMPOS.

N. da R. — Folgamos em que o sr. Ezequiel de Campos (que não sabíamos se tinha lido muitos ou poucos livros de economistas, mas que considerámos sempre o primeiro economista português) reconheça duma maneira tão perentória a necessidade urgente da solução dos nossos problemas educativos. As únicas divergências entre nós existentes residem nos seguintes pontos: 1.º não cremos, pela nossa parte, que uma dúzia de «teurgos» intelectuais possa, por meios violentos, impôr ao país a salvação (ela só virá, necessariamente, dum profundo e vasto movimento nacional, em que a educação escolar e extra-escolar terá o principal papel); 2.º é para nós querer resolver a quadratura do círculo pretender transformar «este comunismo burocrático e mavórtico num povo de iniciativa e de trabalho metódico, rendoso e humanitário» *por simples efeito* de medidas económicas e financeiras, sem que previamente a educação tenha feito o seu papel; 3.º não cremos que todas as questões nacionais se cifrem, em última análise, num problema de economia, e que a educação a fazer haja que ser apenas dirigida para as actividades económicas; a escola a criar tem de ser uma escola de actividade e de produção, mas *não apenas* de actividade e de produção *económicas*. Não daríamos, por exemplo, a nossa adesão a qualquer medida que sacrificasse o ensino das letras; já o mesmo não diríamos do das tretas, das tretas agrícolas, das tretas industriais, das tretas comerciais e das tretas... literárias. Transformar o ensino de tretas no ensino vivo da produção do Espírito, *mesmo quando se trata de letras*, tal é o problema fundamental da pedagogia portuguesa. — R. P.